



# BATENDO ÁGUA

Luiz Marengo / Gujo Teixeira

Meu poncho emponcha lonjuras batendo água  
E as águas que eu trago nele eram pra mim  
Asas de noite em meus ombros sobrando casa  
Longe das casa ombreada a barro e capim

Faz tempo que eu não emalo meu poncho inteiro  
Nem abro as asas da noite pra um sol de abril  
Faz muitos dias que eu venho bancando o tino  
Das quatro patas do zaino, pechando o frio

/Troca um compasso de orelha a cada pisada  
No mesmo tranco da várzea que se encharcou  
Topa nas abas sombreras, que em outros ventos  
Güentaram as chuvas de agosto que Deus mandou/

Meu zaino garrou da noite o céu escuro  
E tudo o que a noite escuta é seu clarim  
De patas batendo n'água depois da várzea  
Freio e rosetas de esporas no mesmo trim

Falta distância de pago e sobra cavalo  
Na mesma ronda de campo que o céu deságua  
Quem tem um rumo de rancho pras quatro patas  
Bota seu mundo na estrada batendo água!

/Porque se a estrada me cobra, pago seu preço  
E desabrigo o caminho pra o meu sustento  
Mesmo que o mundo desabe num tempo feio  
Sei o que as asas do poncho trazem por dentro/



# BATENDO ÁGUA

Luiz Marengo / Gujo Teixeira

*Texto de Romy Martínez (PROLAM/USP), sobre pesquisa do Prof. Ms. Guilherme Howes (UNIPAMPA/UFSM)*

“Batendo água” é uma das canções mais populares de Luiz Marengo, grande expoente da música tradicional gaúcha. A música foi composta em Santa Maria-RS, num apartamento no centro da cidade. Na época o Gujo Teixeira, autor da letra e parceiro de Marengo, fazia faculdade de veterinária. Era um tarde chuvosa de abril de 1997 e Gujo estava estudando enquanto tomava mate com o amigo. Marengo ao ver o temporal que caía, disse: “Tá batendo água”. Imediatamente Gujo largou o caderno de estudos e puxou outro para escrever alguns versos. “Olha, Marengo isso dá um tema. Vou fazer uns verso. Se eu fizer, tu musica”. No mesmo dia a letra foi musicada por Marengo. Dois meses depois a canção já estava soando em festivais.

O primeiro verso da canção inicia enunciando: “Meu poncho emponcha lonjuras batendo água”, que seria como dizer “meu poncho veste distâncias, enfrentando a chuva. O Prof. Guilherme Howes -que desenvolve estudos nas áreas de identidades regionais; ruralidades; gauchismo e tradicionalismo- a canção descreve “a imagem de um homem a cavalo, a trote, debaixo de chuva. Vestindo um poncho encharcado, onde as águas retidas por ele representam a sua experiência.”

Com uma poética de extrema particularidade e beleza, a canção retrata a bravura do homem do campo que tem força para suportar situações adversas e que -mesmo se deparando com temporais no trajeto- enfrenta os desafios que a vida apresenta.

Segundo Howes:

“Há todo um vocabulário específico utilizado nas letras, e que não será entendido por um público que não tenha, mesmo que minimamente, contato com o universo rural. A música só fará sentido se for verossímil. Se parecer-se com a verdade. Não que todos ali tenham vivido uma situação semelhante àquela, mas todos ali são capazes de compreender o significado daquilo, de realmente sentir-se parte daquele universo. O poncho é a sua casa e é carregada sobre os seus ombros. Ao erguer os braços, forma a imagem de um grande pássaro com suas asas abertas. Enfrenta o frio sem parar há dias.”

Sobre o gênero musical, nota-se o parentesco com o ritmo da polca paraguaia, e por sua vez com o chamamê, gênero híbrido argentino muito executado no Rio Grande do Sul com forte presença do acordeom. Ao respeito do ritmo o Howes enuncia que:

“A música é ritmada em um chamamê, num compasso que sugere um bater de cascos de um cavalo ao trote. A expressão “trocando orelhas”, quer dizer desconfiado, atento. O animal mantém uma das orelhas posta à frente enquanto coloca a outra à lateral. Trocando-as a cada instante. Na música, o animal “troca um compasso de orelhas a cada pisada”, melodicamente sobre a vegetação úmida. A relação entre a melodia, a letra da música e a cena descrita atinge seu ponto máximo nos versos “Meu Zaino garrou da noite o céu escuro, e tudo que a noite escuta é seu clarim. De patas batendo n’água depois da várzea. Freio e rosetas de esporas no mesmo trin.” O cavalo é de um tom de cor escura e se confunde com a noite. O único som audível é seu bater de cascos. A barbela do freio produz o som estridente de metal atritando com o metal, ao mesmo tempo, ao mesmo compasso, e da mesma forma que fazem as rosetas das esporas. O público é envolvido pelo ritmo musical que acompanha o trotar de um cavalo e simultaneamente, através da letra, são produzidos a imagem e os sons da cena descrita.

Essa produção de imagens rápidas e instantâneas, estreitamente vinculadas ao cotidiano do gaúcho campeiro, é uma das estratégias bem sucedidas das músicas que ganham o interesse do público.”

Em 2014, quase duas décadas depois que “Batendo água” foi criada, os autores se reúnem no mesmo apartamento para lembrar do processo de composição. Em 2017, a canção fará 20 anos de existência já foi gravada mais de 50 vezes por varios artistas da música nativista. De beleza exuberante, o tempo parece não passar para esta obra que em cada verso e compasso surpreende pela sua peculiaridade. Sempre atual na metáfora que descreve o andar de qualquer pessoa que não teme enfrentar os temporais da vida.



YRUPA PURAHEI  
CANÇÕES DAS MARGENS DO RIO



Yrupa Puraheí - *Canções das Margens do Rio*  
- é um projeto idealizado por Puraheí Trio e  
realizado através do Edital Elisabete Anderle  
2014/FCC Prêmio da Música Catarinense.

Para ter acesso ao conteúdo completo de  
partituras, músicas, vídeos e textos, entre no site:  
[www.puraheitrio.com](http://www.puraheitrio.com)

**Puraheí Trio:**

**Romy Martínez** / voz / Paraguay  
**Maiara Moraes** / flauta e flauta em G / Brasil  
**Chungo Roy** / piano / Argentina

Apoio:



FUNCULTURAL



[www.puraheitrio.com](http://www.puraheitrio.com)